



DÊ-ME AMOR E ME VEJA QUEIMAR

LAURA ZORZO *



*Apenas uma mulher que carrega em si as marcas
de um mundo que, tão profundamente,
feriu seu coração.*

Forte. Fria. Sozinha. Livre.

Muitas eram as características atribuídas pelos camponeses à mulher de cabelos tão escuros quanto o tecer da noite e de um mistério tão profundo quanto a madrugada mais obscura. Ela percorria as estradas pedregosas com seu capuz vermelho-sangue, deixando rastros de seu silêncio sombrio por onde passava. Seus olhos, tão claros quanto um favo de mel e tão intensos quanto os raios de sol pela manhã, silenciavam os mais curiosos da aldeia, dobrando até mesmo aqueles mais valentes sob seu olhar certo e estabilizante.

No pequeno vilarejo, rumores sobre a moça encapuzada corriam na mesma velocidade que as carroças pelas estradas barrentas. Alguns diziam que sua calma era forjada em puro desespero internalizado, a solidão de ser uma mulher afogada em lembranças, marcas de um mundo tão vasto. Outros compartilhavam o pensamento de que ela era livre, forte o suficiente para aceitar uma vida eminentemente solitária em troca do que desejava: um pouco de liberdade.

Liberdade. Uma palavra que desencadeava um doce sabor nos lábios das mulheres, um segredo tão sutil que mal se aventurava a escapar de suas vozes. Pronunciada como um sussurro, era quase temida por seu potencial de revelar mistérios guardados com tanto cuidado.

Quando a noite caía e, com ela, o véu do breu cobria a pequena aldeia, aquelas vozes, aqueles sussurros tão baixos que mal se prestavam atenção surgiam, se materializavam como assobios perfeitos do sul ao leste, rugidos ferozes dançando junto ao doce canto das árvores.

Aquelas horas, minutos e segundos eram vitais, como uma alma que busca ardentemente aventura. O pulsar frenético antecedente entre cada raiar e escurecer era a liberdade daquelas que, no escuro da noite, arriscavam saborear o sentimento de dia calado e de noite vivido, como um coração finalmente livre para ditar suas próprias batidas.

Com apenas as estrelas no céu escuro e os cristais despontando por entre as raízes das árvores como testemunhas, aquelas mulheres brilhavam, e seus sorrisos sinceros e livres iluminavam a escuridão entre o palpável e o intocável.



* Sempre foi fascinada por todos os aspectos dos romances românticos e pela forma com que rodeavam a vida como moinhos de vento. Para eternizar a intensidade desses redemoinhos em seu coração, mãe do cão Auggie, escolheu Letras na Universidade Federal de Santa Catarina como o curso que daria vazão às suas palavras mais intrínsecas. E-mail: laurazorzo35@gmail.com.

*Há muito tempo atrás, quando as árvores testemunhavam
o perigoso cursar dos ventos espiando o
amor crescendo entre duas jovens camponesas.*

– Íris, não vá tão longe!

Os cachos dourados do cabelo de Irabela pulavam e brilhavam como fios de ouro sempre que o sol os refletia durante o dia. Coralina tinha um passatempo favorito, que consistia em vê-la correr com os pés nus pela grama, entre as flores recém-nascidas da primavera, sorrindo como se a floresta fosse seu próprio castelo particular e nada fosse impossível ali. Afinal, seu sorriso abria as portas para os sentimentos mais belos que podia cultivar e imaginar. Seu próprio mundinho impenetrável.

Uma realidade na qual tudo era perfeito.

Uma ilusão boa demais para ser quebrada.

– Ora essa! Vamos, Cora. Divirta-se um pouco.

Coralina tentou conter seu sorriso quando Irabela abandonou a grande árvore, a qual tentava incansavelmente rodopiar ao redor, e começou a caminhar em sua direção. Nem a brisa mais gélida conseguia provocar arrepios da mesma maneira que aquela garota, de cabelos tão quentes quanto o verão mais severo, conseguia em Cora. Aquele era um sentimento fervoroso demais, que só um amor verdadeiro podia arrancar de seu coração.

– Mas eu estou me divertindo. – Protestou ela, com um sorriso perverso despontando de seus lábios tingidos do mais escuro tom de vermelho, proveninete de um morango maduro de sua horta.

Quando Irabela finalmente alcançou Coralina, sentada sob a sombra de uma árvore, com o vestido verde-esmeralda esparramado e fundindo-se aos pequenos pontos verdes de grama, seus olhos faiscaram e, para qualquer um que visse de fora – fosse um completo desconhecido da aldeia ou um parente próximo –, seria impossível não dizer que o sentimento que as rodeava era o mais forte e puro amor, tão quente como o sol e tão forte quanto a natureza.

– Claro que está! Sentada aí, longe do sol e... – um sorriso tímido cresceu em seus lábios, mais rápido que as flores da primavera – *bem*, longe de mim.

Coralina estende os dedos dos pés para fora da sombra dos galhos extensos, de maneira que as pontas de seus dedinhos pudessem sentir um pouco da cócega cálida que a luz do sol provocava.

– Pronto, muito sol para mim. Agora, quanto a vós...

A garota de cabelos tão escuros quanto à noite estrelada, em um único impulso, se apossa da mão de Irabela e, antes que pudesse ouvir seus protestos, a puxa para si em gesto tão rápido quanto seu coração martelando dentro do peito. O vestido rosa de Irabela, após rodopiar tanto junto ao vento, é levado para o colo da amada.

Coralina jurava por todo seu pequeno jardim particular, cultivado por anos com carinho e zelo, que nunca vira algo tão belo quanto aquela profundidade escura que habitava as pupilas de Irabela, como um mar agitado que nunca consegue se conter, segue sua natureza sem temer o que podem pensar, pois está em seu cerne seguir o curso, ser feliz, quem é, pura, límpida, verdadeira, inquebrável, determinada e livre. Para Cora, o próprio sol deveria sentir inveja, pois desde o primeiro respiro de Íris, em toda sua vida, nada brilhou mais ou a aqueceu tanto por dentro quanto ela.

– O que há? – O pequeno raio de sol ri tão alegremente que Cora acredita, realmente acredita, que naquela floresta, naquele pequeno pedaço de terra que chamam de lar, existem apenas elas e que Irabela é, sem dúvidas, o sol.

– Eu amo vós.

O sorriso de Irabela desaparece e seus olhos lacrimejam. Palavras tão simples, pequenas até, mas que em seu significado carregam um peso emocionalmente grande de aliança e, em uma aldeia que ergue entre elas muros sufocantes e pesados, perigo.

Com o coração aquecido por ter aquela garota com gosto de verão em seu colo, Coralina se inclina em direção ao rosto cálido de Irabela e mergulha seus lábios na maciez dos dela. Por um segundo, parece que o verão inteiro está concentrado ali, em suas bocas unidas, entrelaçando-se e deslizando como seda uma pela outra. Um beijo cheio ardor e que exalta a maior força da natureza, aquela contida no entrelaçar de duas mulheres apaixonadas.



*Das árvores mais antigas ecoam as risadas de duas mulheres
que se amaram tão intensamente que,
na noite em que o céu chovia suas lágrimas,
não foi apenas um coração humano que se partiu.*

Ela pensava muito sobre o que era insuperável e o que era inseparável. Para Cora, esses conceitos entrelaçavam-se um ao outro. Nós construímos nosso futuro com base em nossas motivações mais individuais e em nossos anseios mais profundos do coração. Às vezes, somos bem orientados na jornada, outras vezes, estamos completamente sós, no escuro com escolhas que, ao fim, só nós mesmos enfrentaremos, pois ninguém as fará por nós.

Coralina havia feito muitas escolhas, muitas já superadas e separadas de quem era agora: uma mulher construída e moldada ao longo de seus quase setenta e seis anos. Durante o curto período em que se considerou viva, muitas das escolhas que, por direito, deveriam ser suas, lhe foram arrancadas. A mais insuperável dessas perdas foi aquela que a deixou inseparável de sua própria dor.

Essa dor, insuperável em sua intensidade, tornou-se inseparável da essência de quem era aquela mulher de longos fios negros. Todos os dias, ela se refugiava no interior escuro de sua casa, sufocada por lembranças vívidas de sorrisos que não mais seriam ouvidos e abraços de verão que não mais seriam dados. Na solidão de sua existência, Cora convivia com a brutalidade que haviam deferido sobre seu peito e revivia, dia e noite, o peso de se permitir aquecer pelos raios de sol, os quais nunca seriam concedidos a ela sem dor.

Por muito tempo, Cora teve esperança de que algo pudesse mudar o que viveu, que as coisas voltassem a ser como eram. Prometera a si mesma, incontáveis vezes, que seria mais cuidadosa, mas não havia fórmula para retornar ao passado e muito menos para mudar uma realidade tão intrínseca no mundo ao qual pertencia. O homem agarra suas ideologias, até mesmo aquelas que sufocam a existência de outros indivíduos, da mesma forma que se agarra ao respirar da vida. Quem quer que ameace ou incite um resfolegar é visto como inimigo e deve ser temido, eliminado.

A cada dia, quando a noite caía e o sol sumia por entre as nuvens, era como se um manto de alívio cobrisse seu coração destruído, mergulhado em dores tão profundas quanto a imensidão da noite. Os dias de céu límpido e de sol brilhante sob sua cabeça lembravam-lhe dela, daquela que jamais poderia ver novamente, cujas gargalhadas não seriam mais ouvidas e cujas palavras, tão sábias e encantadoras, não ocupariam mais suas tardes.

Em um mundo tão vasto e cruel, quem mais a fazia sentir-se viva já não respirava mais.



*O ano era de 1592.
Homens seguravam tochas e açoites.
Era possível ver o mal através de seus olhos,
uma devoção à falta de humanidade e ao amor:
“Tudo que eu quis foi dar-te minha vida,
pois depois que seu coração parou de bater e virou cinzas,
o meu se partiu para sempre”.*

Havia poucos camponeses que olhavam para Coralina com compaixão, poucos sabiam de fato sobre seu passado sombrio. E esses, os poucos que se lembravam, não compreendiam, perdidos em julgamentos há muito construídos e enraizados.

Contudo, havia uma pessoa, uma senhora com coração jovem, moradora de um casebre ao fim da estrada lamacenta da vila. Ela testemunhara de perto toda a agonia de se perder um amor verdadeiro para a crueldade humana. Seu nome era Elisabetta, uma mulher grisalha que, naquele dia do ano de 1592, assim como Coralina, também perdera o homem que imaginava amar profundamente. Sua aflição não era por morte, mas para o próprio peso de quem segurou o fogo nas mãos.

Para quem deu a ordem, tão frivolamente.

“Queime!”

Para ela, as lembranças eram feridas abertas, como uma carne viva que segue queimando, ardente sob a pele. Naquele fatídico dia, o sol não se punha ao fim da tarde. As vibrações dos gritos desesperados de duas mulheres ecoaram nas batidas do coração de Elisabetta e permaneceram em sua alma por longos anos afio. Foi naquele momento, naquele doloroso verão, que ela soube que algo de muito ruim havia acontecido.

No instante em que a porta bateu e a tocha foi lançada na lareira do casebre, seu coração queimou junto com as chamas que se levantaram e se desfez em cinzas para sempre.



*Podemos amar completamente,
doar-nos por inteiro, deixar que nossos corações ditem suas batidas,
mas não há freio para morte,
muito menos cura para um coração partido.*

Mesmo que o sol raiasse fervorosamente por detrás das cortinas do pequeno cômodo que a abrigava, para Coralina, cada novo despertar era apenas mais um dia cinzento. As flores já não exalavam seu perfume de antes, as árvores se tornaram silenciosas, pois já não eram espelho da risada daquela que ela amava, e as carroças não transportavam mais a donzela mais bela daquele século. O sol, antes caloroso, agora não podia aquecê-la, pois seu maior motivo de amá-lo não estava mais presente para despertar seu calor.

Coralina se culpava, refletia em suas caminhadas silenciosas, fosse de dia ou de noite, atravessando os mesmos lugares os quais ela e Irabela costumavam cultivar como margaridas em seu pequeno universo particular. Ela pensava enquanto andava pela floresta, pelo campo florido, até chegar ao seu quarto, ao quarto delas. Caminhava até a exaustão de sua mente, até que calos se formassem em seus pés, questionando-se incessantemente:

O que eu fiz de tão errado?

Para uma moça, casar-se era o grande trunfo, casar-se bem, então, com nomes e títulos, e ter bebês adoráveis de uniões estáveis, era o grande ápice da vida que qualquer moça daquela época poderia desejar. Quando Carolina e Irabela se apaixonaram tão ardentemente, todas essas muralhas enraizadas na aldeia pareciam absurdamente pobres em comparação ao sentimento que se instalara em seus corações.

Passeando pelo campo florido, onde deram seus últimos sorrisos e beijos tão quentes quanto o verão fervente, ela soube que não havia cura para seu coração, pois o amor foi arrancado dele de uma forma inimaginável pela crueldade humana. Não importava quantas flores brotassem ou quantas vezes o dia nascesse, sem Íris para sentir a natureza em sua tez, as flores não tinham cor e todos os dias pareciam tão escuros quanto o cair da noite.

Ela carregaria para sempre em si a dor do dia em que vira suas roupas sendo arrancadas do corpo e queimadas, a imagem daqueles segundos eternos, enquanto estava amarrada, sendo forçada a testemunhar tão cruelmente o coração de Irabela parar de bater e a luz do seu sorriso se esvaír lentamente. O calor das chamas consumia sua alma, cada estalo das labaredas era um grito desesperador que sua voz reporduzia. Naquele momento, ela soube veementemente que o sol jamais brilharia para ela novamente.

E nunca mais brilhou.



*Eu agradeço a Coraline e Irabela,
sua luta nos trouxe até aqui,
sua luta nos permitiu viver como somos hoje,
sua luta nos permitiu amar como nunca amaríamos sob imposição,
sua luta nos permitiu viver e ter força para nos levantarmos.*